

27 de abril de 2022

## Demografia em tempos de pandemia COVID-19, 2020-2021

A Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM) disponibiliza hoje o EM FOCO sobre a Demografia na Região Autónoma da Madeira (RAM) num contexto da pandemia COVID-19.

O EM FOCO engloba uma análise da situação demográfica na RAM em 2020 e 2021, anos em que os efeitos da pandemia tiveram impacto nas tendências demográficas na Região, em particular no aumento da mortalidade e na redução da natalidade e nupcialidade. Nesta publicação, analisam-se alguns indicadores relativos à natalidade e fecundidade, mortalidade e esperança de vida, nupcialidade e divorcialidade, segundo meses de 2020 e 2021, comparativamente aos dados mensais das décadas anteriores: 1990-1999, 2000-2009 e 2010-2019. Destaca-se que a série da demografia foi ampliada com dados referentes ao número de nados-vivos, óbitos e casamentos no período 1990-1995, obtidos a partir dos anuários estatísticos da RAM, sendo por isso que também se dá particular importância aos dados mensais.

### 1. Natalidade e Fecundidade

Na Região, em 2020 e 2021 registaram-se 1 860 e 1 744 nados-vivos, respetivamente. Tanto em 2020 como em 2021, o número de nados-vivos por mês foi mais baixo do que a média registada nas décadas anteriores (1990-1999, 2000-2009 e 2010-2019) (Figura 1), estando este resultado em consonância com a tendência de redução da natalidade e fecundidade observada na Região ao longo das últimas décadas.

Em 2021 esta situação agravou-se, uma vez que o número total de nados-vivos atingiu o segundo valor mais baixo desde 1970, fixando-se num valor muito próximo ao observado num contexto pós crise económica e financeira com início em 2008: 1 739 nados-vivos em 2014, menos 5 do que em 2021. Saliencia-se que em 2014 o Índice Sintético de Fecundidade (ISF<sup>1</sup>) atingiu o valor mais baixo de sempre: 0,95 filhos por mulher em idade fértil.

Num novo contexto de incertezas económicas, criadas pela situação pandémica com início em março de 2020, a natalidade volta a baixar, podendo comprometer ainda mais o ISF na Região (1,14 em 2020)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Número médio de nados vivos nascidos por mulher em idade fértil (15-49 anos completos), admitindo que as mulheres estariam submetidas às taxas de fecundidade observadas num determinado ano civil.

<sup>2</sup> O ISF de 2021 estará disponível apenas em meados de junho de 2022.

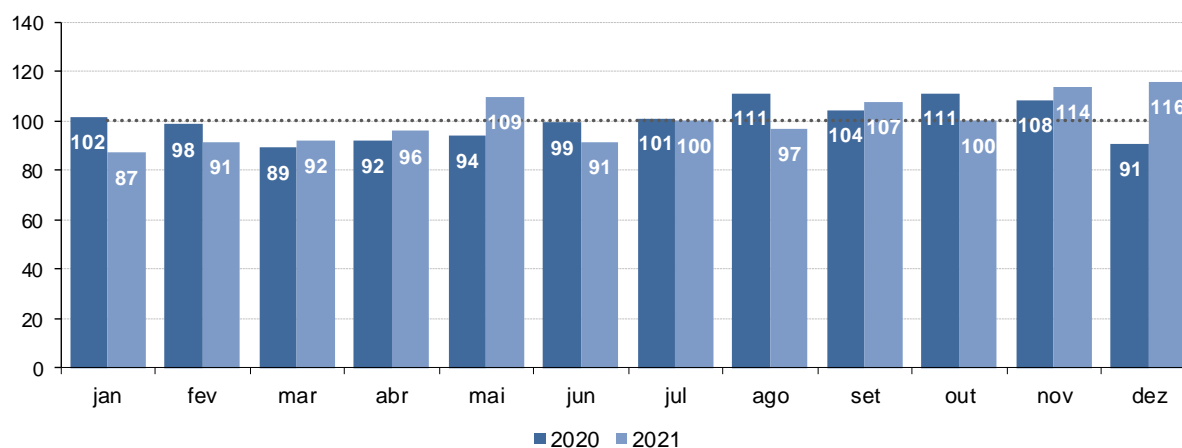


O índice mensal de natalidade<sup>3</sup> permite observar a sazonalidade da natalidade (Figura 1). Em 2020, os meses de agosto a novembro foram os de maior intensidade da natalidade por relação à média anual de nados-vivos, sendo março o mês em que se registou uma menor intensidade. Em 2021, a maior intensidade da natalidade, relativamente à média anual de nados-vivos nesse ano, observou-se em maio, setembro, novembro e dezembro. Destaca-se o mês de janeiro de 2021 como o mês em que a intensidade da natalidade foi mais baixa relativamente à média anual de nados-vivos de 2021.

**Figura 1.** Nados-vivos, por mês, 1990-2021, e índice mensal de natalidade, 2020 e 2021

	Média 1990-1999	Média 2000-2009	Média 2010-2019	2020	2021
<b>Total</b>	<b>3 275</b>	<b>2 933</b>	<b>2 014</b>	<b>1 860</b>	<b>1 744</b>
Janeiro	285	252	185	160	129
Fevereiro	248	231	152	145	122
Março	275	253	160	140	136
Abril	262	236	162	140	137
Maio	278	242	177	148	162
Junho	265	225	159	151	131
Julho	280	236	163	159	148
Agosto	274	253	171	175	143
Setembro	279	266	167	159	154
Outubro	285	257	176	175	148
Novembro	271	244	171	165	163
Dezembro	273	239	172	143	171

Índice mensal de natalidade, 2020 e 2021



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

<sup>3</sup> O índice mensal de natalidade é calculado pelo método dos números proporcionais. Este índice permite corrigir os valores dos nascimentos mensais de forma a corresponderem a unidades de tempo de igual dimensão. Cada mês é representado por um valor, independentemente da respetiva duração, de forma que o seu desvio em relação a 100 indique o carácter particular desse mês em termos de natalidade. Um índice de valor 100 corresponde a uma natalidade igual à média do ano e um índice superior ou inferior corresponde a uma natalidade superior ou inferior à média anual, respetivamente.



Na Figura 2, é possível confirmar que o número médio de nados-vivos por mês foi mais elevado entre 1990 e 1999 do que entre 2000 e 2009, que, por sua vez, foi também superior ao número médio de nados-vivos registado no período 2010-2019.

Na mesma figura, as barras a sombreado, limitadas pelos valores mínimo e máximo de nados-vivos mensais registados no período 1990-2019, indicam a variação do número de nados-vivos mensais no período considerado.

Em maio e dezembro de 2020, o número de nascimentos vivos ficou abaixo do limite inferior registado no período 1990-2019, atingindo valores mínimos nesses meses. O maior decréscimo do número de nados-vivos, face à média verificada entre 1990 e 2019, ocorreu em março de 2020 (-89 nados-vivos) e o menor decréscimo em agosto (-58 nados-vivos).

Comparado o número de nados-vivos registados em cada mês de 2020 com o número médio mensal de nascimentos vivos no período 1990-2019 (rácio entre nados-vivos, Figura 2), confirma-se que o défice da natalidade foi mais elevado em março, registando um decréscimo de 38,9% abaixo da média de 1990-2019. Seguiram-se os meses de dezembro e abril de 2020 com decréscimos da natalidade de 37,2% e 36,3% relativamente à média de 1990-2019.

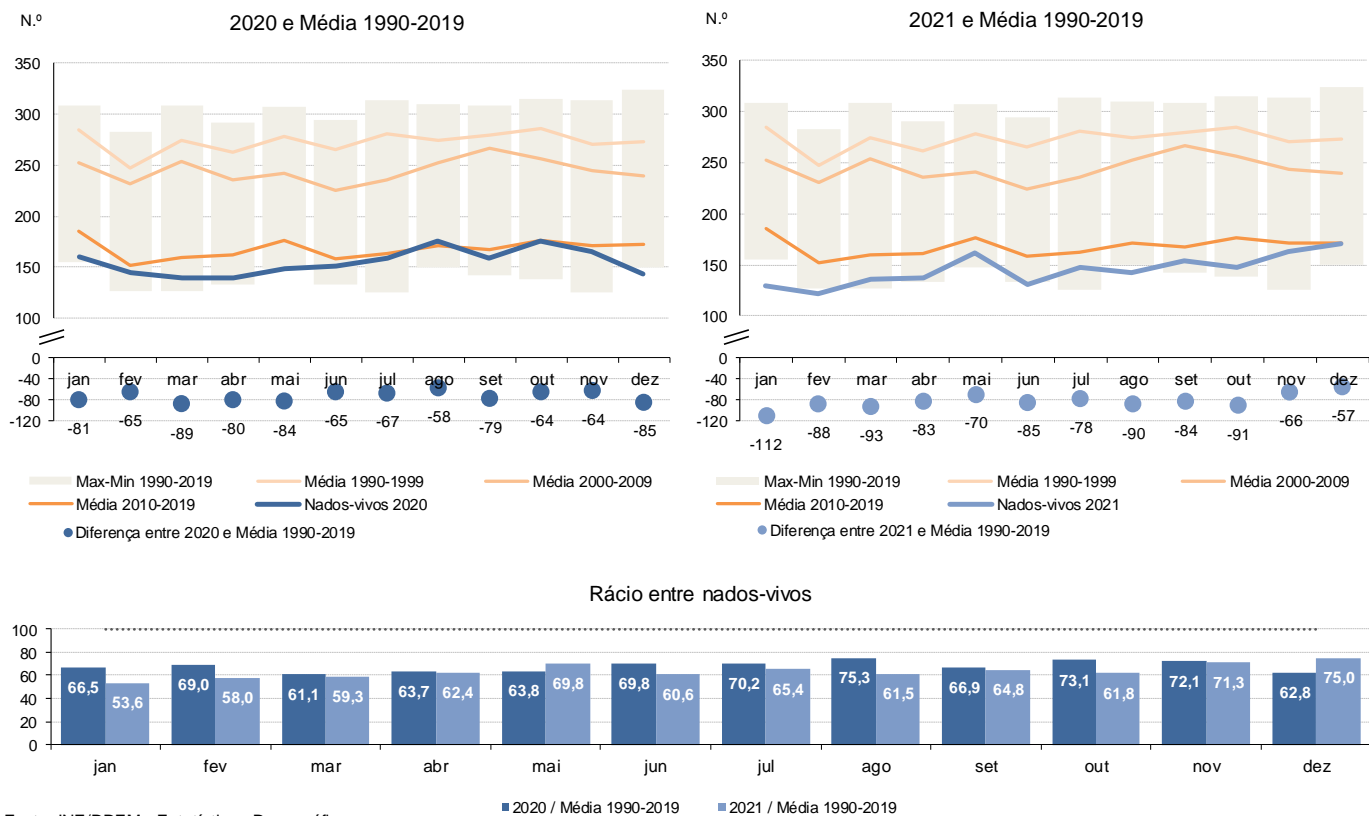
Relativamente a 2021, em janeiro, fevereiro, junho e agosto, o número de nascimentos vivos foi o mais baixo do período 1990-2019. O decréscimo mais acentuado relativamente à média 1990-2019 ocorreu em janeiro de 2021 (-112 nados-vivos) e o menos acentuado em dezembro (-57 nados-vivos).

De uma forma geral, o défice de natalidade face à média 1990-2019 foi mais acentuado em 2021 do que em 2020, uma vez que o rácio entre nados-vivos foi inferior na generalidade dos meses de 2021 (10 em 12). Nesse ano, o défice da natalidade foi mais elevado em janeiro e fevereiro com decréscimos de 46,4% e 42,0% relativamente à média de 1990-2019.

Uma explicação possível para estes resultados radicar-se-á no facto de os nascimentos em 2021 terem sido condicionados pelas expectativas negativas que a pandemia gerou a nível económico.



**Figura 2.** Nados-vivos, por mês, 1990-2021, e rácio entre nados-vivos de 2020 e 2021 e média 1990-2019.



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

## 2. Mortalidade

Em 2020 e 2021, faleceram 2 713 e 2 875 pessoas residentes na Região, respetivamente. O número de óbitos registado em 2021 foi o segundo mais alto desde que há registo, sendo superado apenas pelo valor observado em 1971: 2 905 óbitos. Na maioria dos meses de 2021 (9 em 12), o número de óbitos foi mais alto do que a média mensal registada nas décadas 1990-1999, 2000-2009 e 2010-2019 (Figura 3).

Em média, em 2020 faleceram por dia 7 pessoas residentes na Região e em 2021 faleceram cerca de 8 pessoas por dia. Nos dois anos em análise, janeiro de 2021 foi o mês que registou a maior média diária de óbitos (cerca de 10 óbitos por dia) e junho de 2020 foi o mês com a menor média diária (cerca de 6 óbitos por dia).

O índice mensal de mortalidade<sup>4</sup> permite observar a sazonalidade da mortalidade (Figura 3). Em 2020, os meses de janeiro a maio e o mês de dezembro foram os meses de maior intensidade da mortalidade relativamente à média anual de óbitos. Em 2021, a intensidade da mortalidade foi mais elevada nos meses

<sup>4</sup> O índice mensal de mortalidade é calculado pelo método dos números proporcionais. Este índice permite corrigir os valores dos óbitos mensais de forma a corresponderem a unidades de tempo de igual dimensão. Cada mês é representado por um valor, independentemente da respetiva duração, de forma que o seu desvio em relação a 100 indique o carácter particular desse mês em termos de mortalidade. Um índice de valor 100 corresponde a uma mortalidade igual à média do ano e um índice superior ou inferior a 100 corresponde a uma mortalidade superior ou inferior à média anual, respetivamente.

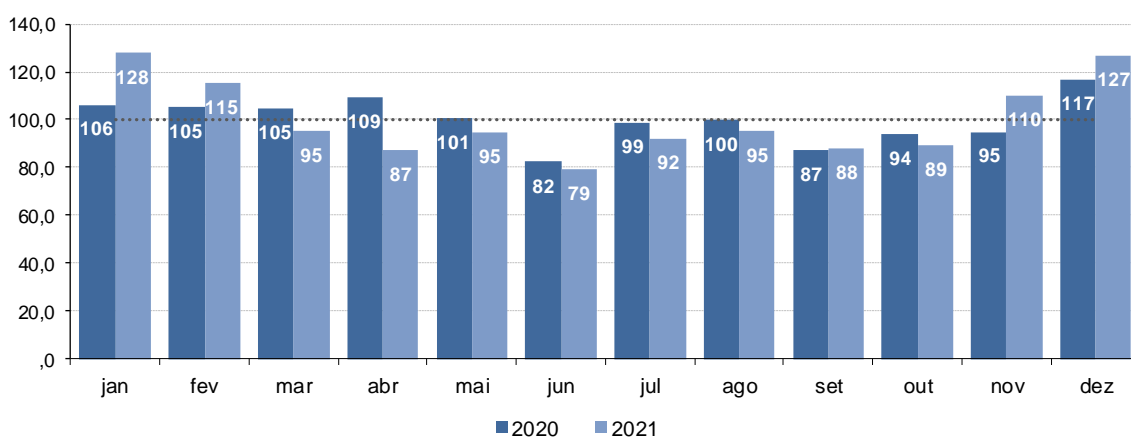


de inverno (janeiro, fevereiro, novembro e dezembro), tendo o índice mensal de mortalidade atingido valores máximos em janeiro e dezembro. Junho de 2021 foi o mês em que a intensidade da mortalidade foi mais baixa em relação à média anual de óbitos, seguindo-se os meses de abril, setembro e outubro.

**Figura 3.** Óbitos, por mês, 1990-2021, e índice mensal de mortalidade por grupos etários, 2020 e 2021

	Média 1990-1999	Média 2000-2009	Média 2010-2019	2020	2021
<b>Total</b>	<b>2 593</b>	<b>2 652</b>	<b>2 602</b>	<b>2 713</b>	<b>2 875</b>
Janeiro	269	276	267	244	312
Fevereiro	236	240	241	226	254
Março	248	248	239	241	232
Abril	214	228	221	243	206
Mai	210	211	207	231	231
Junho	194	191	193	183	187
Julho	194	198	193	227	225
Agosto	202	205	209	229	232
Setembro	190	186	192	194	208
Outubro	204	207	199	216	218
Novembro	199	201	201	211	260
Dezembro	232	262	242	268	310

Índice mensal de mortalidade, por grupo etário, 2020 e 2021



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

## 2.1. Impacto da pandemia COVID-19 na mortalidade

No final de 2019 surgiram notícias sobre a existência de casos de uma pneumonia atípica com origem na China (Wuhan). No início de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu a emergência de uma nova doença (COVID-19), causada pelo vírus SARS-CoV-2, e o governo chinês reportou a primeira morte mundial por COVID-19 a 11 de janeiro. Na Europa, a primeira morte foi registada em meados de fevereiro em França (turista chinês) e, no final desse mês, Itália enfrentava um surto de novos casos e óbitos por COVID-19 sem precedentes. A 11 de março de 2020 a OMS declarou o surto de COVID-19 como pandemia.



**Direção Regional de Estatística da Madeira**

*"Uma porta aberta para um universo de informação estatística"*

Em Portugal<sup>5</sup>, os primeiros casos de doença COVID-19 foram diagnosticados a 2 de março de 2020 e o primeiro óbito pela doença foi registado a 16 de março desse ano, altura em que o número de casos em Portugal havia subido para 448.

Na Região<sup>6</sup>, o primeiro caso registado reporta a 16 de março de 2020 e o primeiro óbito por COVID-19 reporta ao dia 1 de novembro de 2020, cerca de oito meses depois, momento em que a Região contabilizava um número acumulado de 455 casos de COVID-19.

Entre 16 de março e 31 de dezembro de 2020 registaram-se 1 760 casos e 14 óbitos por COVID-19. Do total de óbitos registado nesse período (2 131), 0,7% deveram-se à doença COVID-19. Entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2021, registaram-se mais 18 827 novos casos e 120 óbitos por COVID-19, representando 4,2% do número total de óbitos registados em 2021 (2 875 óbitos).

A partir da Figura 4, é possível verificar que a média mensal do número de óbitos tem um comportamento semelhante ao longo das décadas, sendo que o valor médio mensal não difere muito entre as décadas 1990-1999, 2000-2009 e 2010-2019.

Na mesma figura, as barras a sombreado, limitadas pelos valores mínimo e máximo de óbitos mensais registados no período 1990-2019, indicam a variação do número de óbitos mensais no período considerado.

Apenas em julho de 2020 e em julho e novembro de 2021 é que o número de óbitos ficou acima do valor máximo registado entre 1990 e 2019. Contudo, o excesso de mortalidade de julho de 2020 e de julho de 2021, relativamente ao máximo de óbitos verificado no período 1990-2019, não é diretamente explicado pelo número de óbitos por COVID-19, uma vez que no conjunto dos dois meses apenas se contabilizou um óbito por COVID-19 (1 óbito em julho de 2021). Em contrapartida, o excesso de mortalidade verificado em novembro de 2021 deve-se aos óbitos por COVID-19 registados nesse mês (28), pois sem esse registo o número de óbitos de novembro de 2021 estaria abaixo do valor máximo mensal do período 1990-2019.

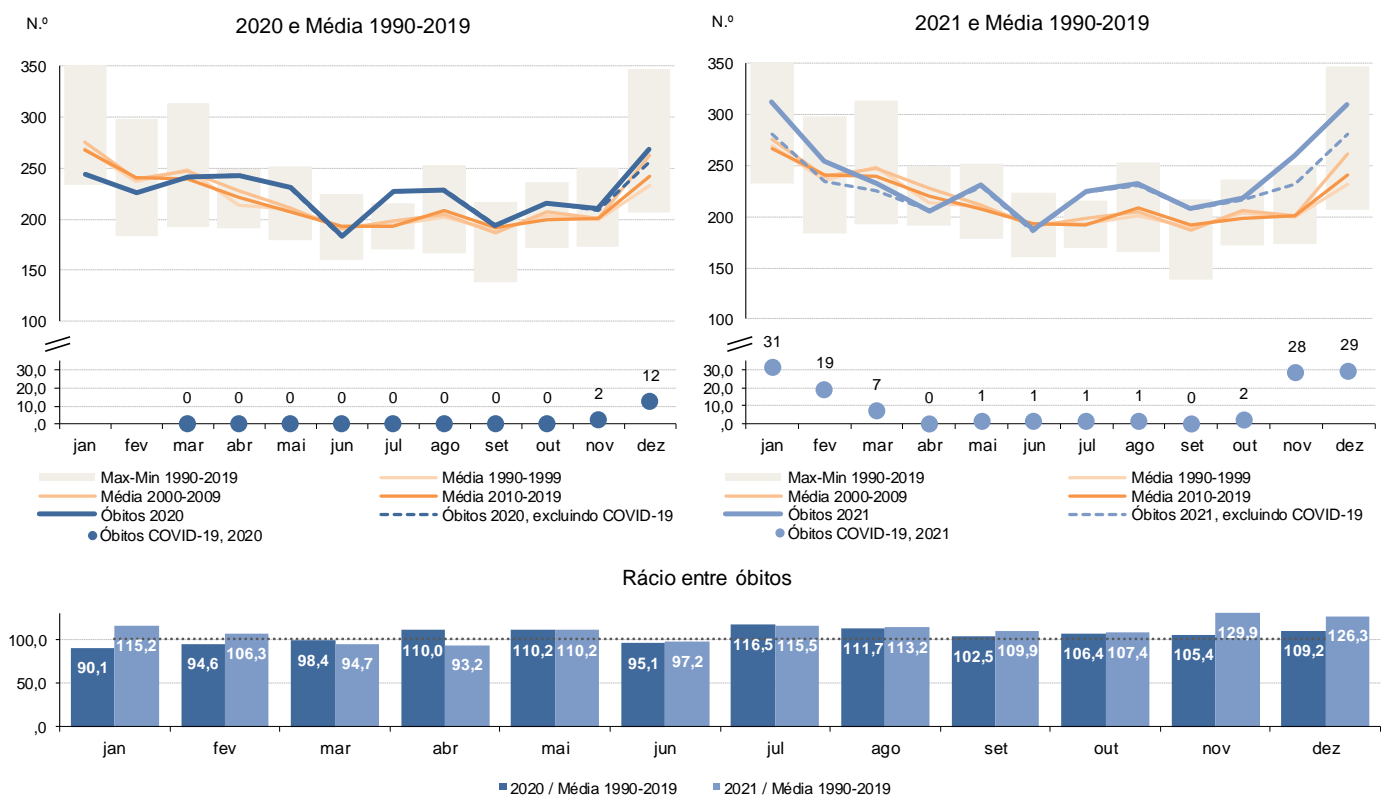
Comparando o número de óbitos registados em cada mês com o número médio mensal de óbitos no período 1990-2019 (rácio entre óbitos, Figura 4), verifica-se que houve um o excesso de mortalidade na maioria dos meses de 2020 (8 em 12) e de 2021 (9 em 12). Em 2020, a sobremortalidade foi mais elevada em julho, tendo se registado um crescimento de 16,5% relativamente à média do número de óbitos entre 1990-2019. Em 2021, o excesso de mortalidade foi mais elevado em novembro, registando-se um acréscimo de 29,9% face à média de 1990-2019.

<sup>5</sup> Dados obtidos a partir dos relatórios diários da Situação COVID-19, disponibilizados pela Direção-Geral da Saúde.

<sup>6</sup> Dados obtidos a partir dos relatórios diários da Situação Epidemiológica, disponibilizados pela Direção Regional da Saúde da RAM.



**Figura 4.** Óbitos, por mês, 1990-2021, e rácio entre óbitos de 2020 e 2021 e média 1990-2019.



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas. Direção Regional da Saúde, Relatório de Situação Epidemiológica na RAM.

## 2.2. Evolução do número de óbitos por COVID-19

Desde o primeiro caso registado na Região a 16 de março de 2020 até ao primeiro óbito (1 de novembro de 2020) decorreram 230 dias. Do primeiro óbito registado até ao décimo óbito (21 de dezembro de 2020) passaram-se 41 dias (Figura 5). Entre 22 de dezembro de 2020 e 27 de dezembro de 2021, a cada acréscimo de 10 óbitos decorreram em média 31 dias.

A velocidade de aumento do número de óbitos por COVID-19 foi superior entre 22 de dezembro de 2020 e 11 de fevereiro de 2021 e, posteriormente, entre 15 de novembro e 27 de dezembro de 2021, tendo decorrido em média 10 dias e 9 dias, respetivamente, a cada aumento de 10 óbitos. Contrariamente, a velocidade de crescimento do número de óbitos no período intermédio (12 de fevereiro de 2021 a 14 de novembro de 2021) foi consideravelmente mais baixa, tendo passado 138 dias, em média, a cada aumento de 10 óbitos.

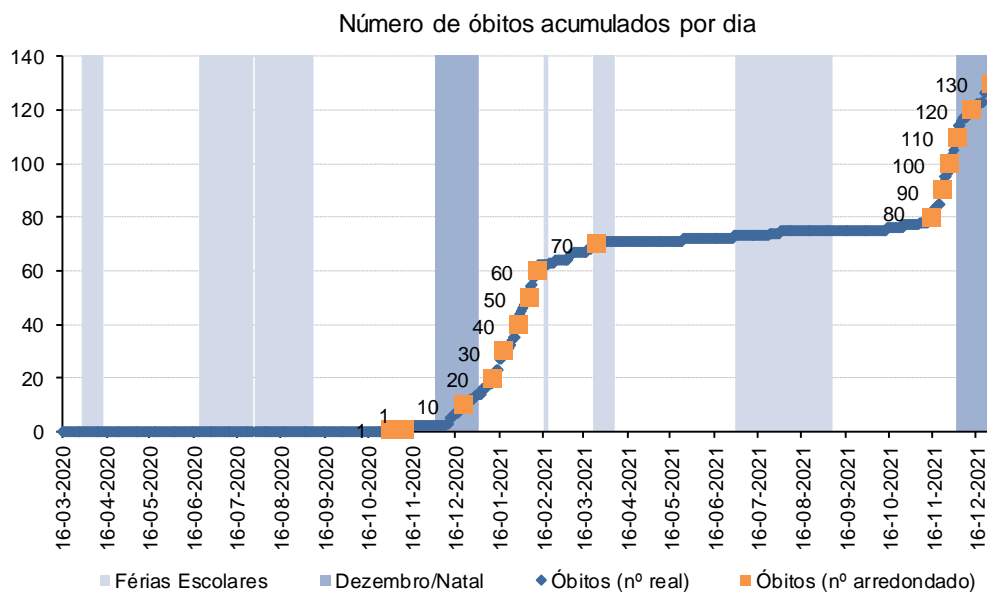
No primeiro período cuja velocidade de aumento do número de óbitos foi mais elevada (22 de dezembro de 2020 a 11 fevereiro de 2021), em média, surgiram cerca de 94 novos casos e quase 1 óbito por dia (0,96 óbitos/dia). Nesse período (52 dias), registaram-se 4 895 novos casos e 50 óbitos por COVID-19, correspondendo a uma taxa de letalidade (proporção do número de óbitos no total de casos num dado período) igual a 1,02%.



Na segunda fase (15 de novembro a 27 de dezembro), em média, surgiram cerca de 122 novos casos e 1 óbito por dia (1,16 óbitos/dia), portanto, mais casos em menos dias (43 dias), indicando uma velocidade superior de contágio. Nesse período de 43 dias, registaram-se 5 237 novos casos e 50 óbitos por COVID-19, resultando numa taxa de letalidade igual a 0,95%.

**Figura 5.** Casos e óbitos por COVID-12, entre 16 de março de 2020 e 31 de dezembro de 2021.

Óbitos acumulados (nº arredondado)	Óbitos acumulados (nº real)	Casos acumulados	Data	Dias de intervalo
1	1	455	01-11-2020	230
10	10	1 247	21-12-2020	50
20	20	2 766	11-01-2021	21
30	31	3 777	19-01-2021	8
40	40	4 986	29-01-2021	10
50	51	5 724	06-02-2021	8
60	60	6 142	11-02-2021	5
70	70	8 214	25-03-2021	42
80	80	12 718	14-11-2021	234
90	91	13 196	22-11-2021	8
100	100	13 614	27-11-2021	5
110	112	14 096	03-12-2021	6
120	120	15 088	13-12-2021	10
130	130	17 955	27-12-2021	14



Fonte: Direção Regional da Saúde, Relatório de Situação Epidemiológica na RAM.



**Direção Regional de Estatística da Madeira**

"Uma porta aberta para um universo de informação estatística"

### 3. Esperança de vida

A esperança de vida à nascença resume os riscos de mortalidade da população num determinado período de tempo, indicando qual é o número médio de anos que uma pessoa pode esperar viver se ao longo da sua vida estiver exposta aos riscos de mortalidade por idades desse mesmo período.

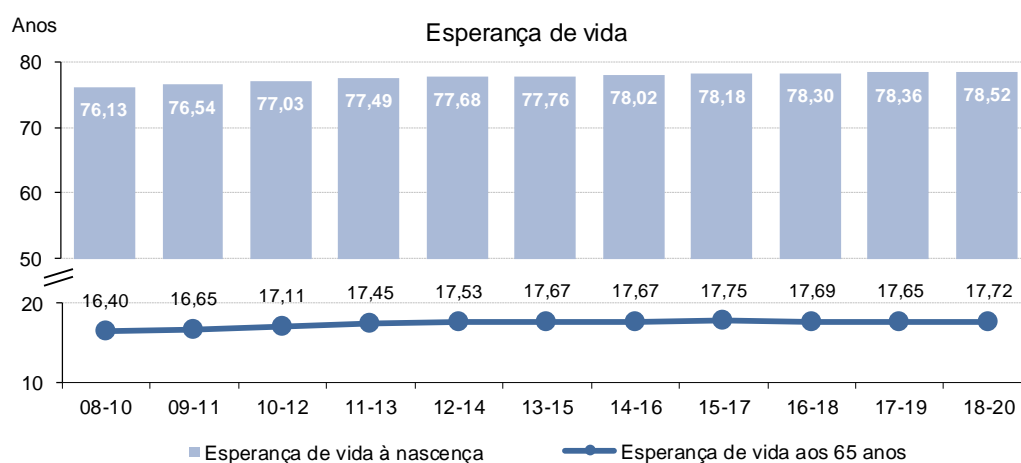
No triénio 2018-2020, na Região, a esperança de vida à nascença foi estimada em 78,52 anos para ambos os sexos, 74,63 para os homens e 81,52 para as mulheres, expressando um ganho de 6,16 e 4,41 anos relativamente ao triénio 1999-2001 (Figura 6). A esperança de vida aos 65 anos é também superior para as mulheres: 15,08 anos para os homens e 19,46 para as mulheres, mais 1,99 anos e 2,69 anos face a 1999-2001.

Na última década, entre os triénios 2008-2010 e 2018-2020, a esperança de vida à nascença e aos 65 anos manteve uma tendência de crescimento, indicando que o risco de mortalidade da população residente na Região não foi afetado pelo número de óbitos por COVID-19 em 2020.

Sobre os dados para o triénio 2019-2021, ainda não é possível prever o efeito dos óbitos por COVID-19 de 2021 na esperança de vida à nascença ou aos 65 anos, uma vez que estes dados estarão disponíveis apenas em meados de setembro de 2022.

**Figura 6.** Esperança de vida à nascença e aos 65 anos, por sexo, 1999-2001 a 2018-2020.

	Esperança de vida à nascença			Esperança de vida aos 65 anos		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1999-2001	73,16	68,47	77,11	15,37	13,09	16,77
2008-2010	76,13	71,85	79,68	16,40	13,86	18,05
2018-2020	78,52	74,63	81,52	17,72	15,08	19,46



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

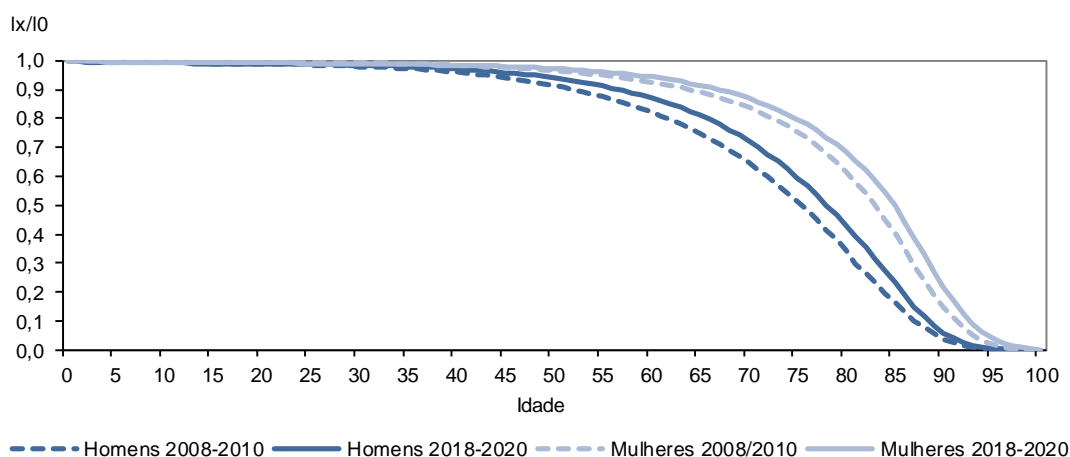


Para além da esperança de vida, a tábua de mortalidade inclui um conjunto de funções que permitem avaliar a evolução da mortalidade em termos probabilísticos. Essas funções assentam na análise de uma geração fictícia de 100 000 nascimentos, sujeita aos riscos de mortalidade em cada idade observados no período de referência da tábua de mortalidade. O número de indivíduos dessa geração inicial de 100 000 nascimentos que sobrevivem a cada idade é uma das funções da tábua de mortalidade. Na Figura 7, é apresentada a função de sobrevivência da tábua completa de mortalidade para a Região, por sexo, para os triénios 2008-2010 e 2018-2020.

Em ambos os triénios, as mulheres sobrevivem em maior número a idades mais elevadas, relativamente aos homens. Por exemplo, estima-se que 81,0% dos nados-vivos do sexo masculino e 91,5% dos nados-vivos do sexo feminino sobrevivam à idade de 65 anos, se sujeitos ao longo das suas vidas às probabilidades específicas de óbito por idades observadas no período 2018-2020. Comparativamente ao triénio 2008-2010, estas probabilidades de sobrevivência aumentaram, pois, em 2008-2010, eram de 74,8% para os homens e de 89,2% para as mulheres.

Num contexto de pandemia COVID-19, a probabilidade de sobrevivência de homens e mulheres verificada em 2018-2020 não foi afetada. Relativamente aos dados de 2019-2021, estes estarão disponíveis também em meados de setembro de 2022.

**Figura 7.** Função de sobrevivência por sexo, 2008-2010 a 2018-2020.



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

#### 4. Casamentos

O número de casamentos celebrados atingiu um valor mínimo em 2020 (612), mostrando o grande impacto da pandemia COVID-19 na nupcialidade. Nesse ano, apenas 39,4% dos casamentos celebraram-se nos meses de verão (junho a setembro). Em 2021, houve um aumento de 41,5% no número de casamentos face a 2020, tendo 47,8% das celebrações ocorrido nos meses de verão (Figura 8). Comparativamente às décadas anteriores (1990-1999, 2000-2009 e 2010-2019), o número de casamentos foi mais baixo na maioria dos meses de 2020 e 2021.

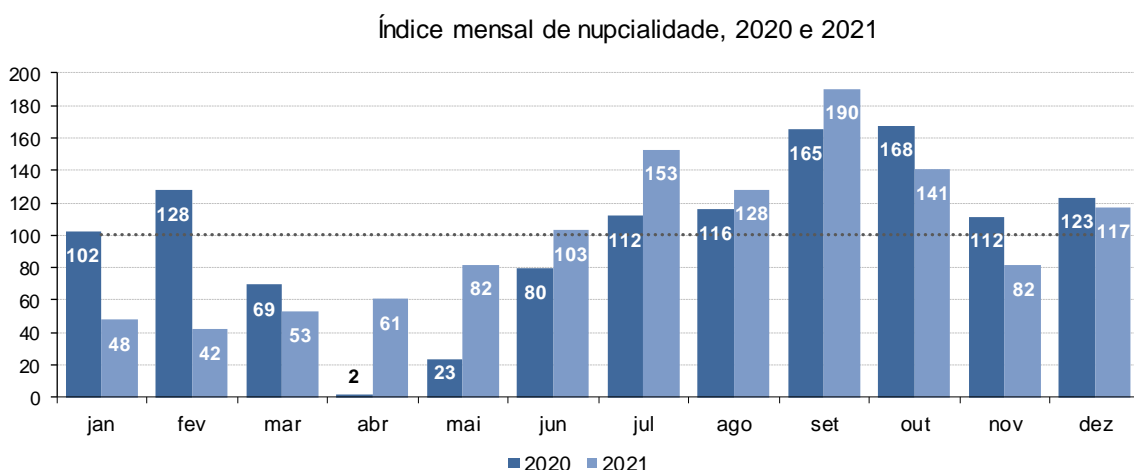


**Direção Regional de Estatística da Madeira**  
*"Uma porta aberta para um universo de informação estatística"*

A análise ao índice mensal de nupcialidade<sup>7</sup> de 2020 e 2021 permite observar a sazonalidade da nupcialidade (Figura 8). Normalmente, os meses de junho a outubro são os meses de maior intensidade da nupcialidade relativamente à média anual de casamentos. Porém, em 2020, devido à pandemia COVID-19, apenas a partir de julho se verificou um aumento da intensidade da nupcialidade face à média anual, tendo sido mais significativa em outubro desse ano. Nos primeiros cinco meses de 2021, o índice mensal de nupcialidade foi sempre inferior a 100, indicando que até maio desse ano a intensidade da nupcialidade foi inferior à média anual. A partir de junho de 2021, com exceção no mês de novembro, esta situação inverteu-se e a intensidade da nupcialidade foi superior à média anual de casamentos.

**Figura 8.** Casamentos, por mês, 1990-2021, e índice mensal de nupcialidade, 2020 e 2021.

	Média 1990-1999	Média 2000-2009	Média 2010-2019	2020	2021
<b>Total</b>	<b>1 836</b>	<b>1 419</b>	<b>884</b>	<b>612</b>	<b>866</b>
Janeiro	129	82	51	53	35
Fevereiro	131	81	40	62	28
Março	148	93	49	36	39
Abril	141	95	49	1	43
Mai	107	102	62	12	60
Junho	133	108	79	40	73
Julho	215	207	126	58	112
Agosto	128	117	95	60	94
Setembro	232	208	125	83	135
Outubro	148	116	78	87	103
Novembro	130	94	51	56	58
Dezembro	195	116	80	64	86



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

<sup>7</sup> O índice mensal de nupcialidade é calculado pelo método dos números proporcionais. Este índice permite corrigir os valores dos casamentos mensais de forma a corresponderem a unidades de tempo de igual dimensão. Cada mês é representado por um valor, independentemente da respetiva duração, de forma que o seu desvio em relação a 100 indique o carácter particular desse mês em termos de nupcialidade. Um índice de valor 100 corresponde a uma nupcialidade igual à média do ano e um índice superior ou inferior a 100 corresponde a uma nupcialidade superior ou inferior à média anual, respetivamente.



Na Figura 9, é possível verificar que o número médio de casamentos por mês foi mais elevado na década 1990-1999 do que nos períodos 2000-2009 e 2010-2019.

Na mesma figura, as barras a sombreado, limitadas pelos valores mínimo e máximo de casamentos mensais celebrados no período 1990-2019, indicam a variação do número de casamentos mensais no período considerado.

Entre março e setembro de 2020 o número de casamentos ficou abaixo do limite inferior do período 1990-2019, atingindo valores mínimos nesses meses. O maior decréscimo do número de casamentos celebrados, face à média verificada entre 1990 e 2019, ocorreu em julho de 2020 (-125 casamentos) e o menor decréscimo em fevereiro (-22 casamentos).

Em janeiro, fevereiro e março de 2021, o número de casamentos celebrados foi o mais baixo do período 1990-2019. O decréscimo mais acentuado relativamente à média 1990-2019 ocorreu em julho de 2021 (-71 casamentos) e o menos acentuado em outubro (-11 casamentos).

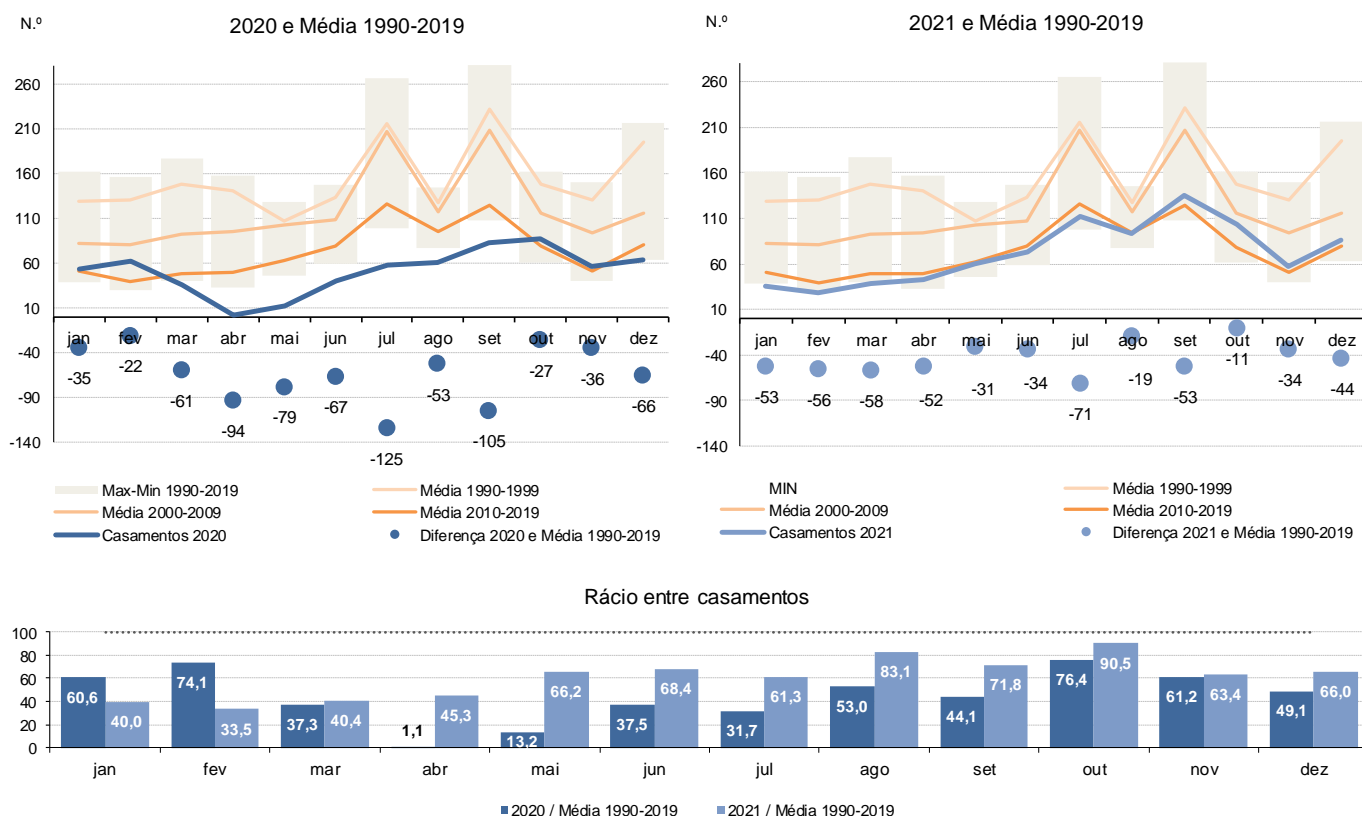
Nos períodos referidos de 2020 e 2021, estiveram em vigor medidas que desaconselhavam a reunião de grandes aglomerados de pessoas, o que terá feito adiar a decisão de celebração de matrimónio, fator ao qual se pode somar a retração económica provocada pela pandemia.

Confrontado o número de casamentos celebrados em cada mês de 2020 com o número médio mensal de casamentos no período 1990-2019 (rácio entre casamentos, Figura 9), o défice de nupcialidade foi mais elevado em abril de 2020, registando um decréscimo de 98,9% abaixo da média de 1990-2019. Seguiram-se os meses de maio e julho de 2020 com decréscimos da natalidade de 86,8% e 68,3% relativamente à média de 1990-2019.

O défice de nupcialidade face à média 1990-2019 foi menos acentuado em 2021 do que em 2020, uma vez que o rácio entre nados-vivos foi superior na maioria dos meses de 2021 (10 em 12). Nesse ano, a redução de casamentos celebrados, relativamente à média dos casamentos celebrados no período 1990-2019, foi mais elevada em fevereiro e janeiro com decréscimos de 66,5% e 60,0%, respetivamente.



**Figura 9. Casamentos, por mês, 1990-2021, e rácio entre casamentos de 2020 e 2021 e média 1990-2019.**



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

## 5. Divórcios

Em 2020 foram decretados 511 divórcios, sendo este o segundo valor mais baixo desde 2001 (443 divórcios). É de referir que o número de divórcios decretados em 2021 estará disponível apenas em meados de setembro de 2022.

No ano em análise, a maior frequência de divórcios ocorreu em novembro (85), sendo abril o mês em que se registou o menor número de divórcios desde 1995<sup>8</sup>. Nesse mês, devido à situação pandémica gerada pela doença COVID-19, foi decretado apenas 1 divórcio (Figura 10).

A partir de junho (com exceção em agosto) verificou-se um aumento da intensidade da divorcialidade face à média anual de divórcios, tendo esse aumento sido mais significativo em novembro desse ano. Nos primeiros cinco meses de 2020, o índice mensal de divorcialidade<sup>9</sup> foi sempre inferior a 100, expressando a baixa intensidade da divorcialidade nesses meses face à média anual de divórcios decretados em 2020.

<sup>8</sup> Não existe informação sobre número de divórcios decretados por mês nos anos anteriores a 1995.

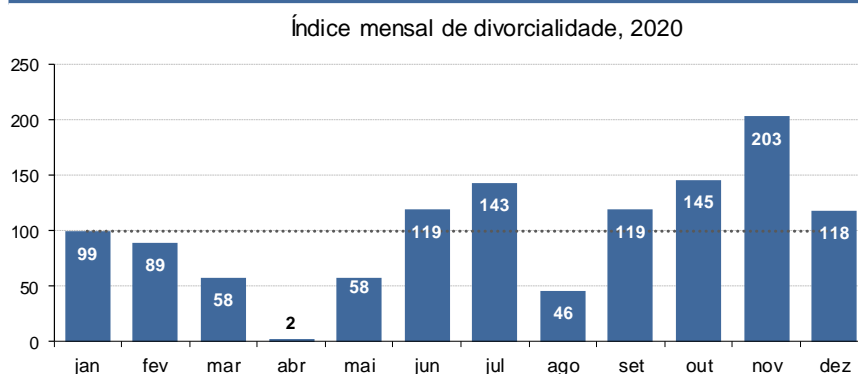
<sup>9</sup> O índice mensal de divorcialidade é calculado pelo método dos números proporcionais. Este índice permite corrigir os valores dos divórcios mensais de forma a corresponderem a unidades de tempo de igual dimensão. Cada mês é representado por um valor, independentemente da respetiva duração, de forma que o seu desvio em relação a 100 indique o carácter particular desse mês em termos de divorcialidade. Um índice de valor 100 corresponde a uma divorcialidade igual à média do ano e um índice superior ou inferior a 100 corresponde a uma divorcialidade superior ou inferior à média anual, respetivamente.



Conclui-se assim que as contingências em termos do funcionamento de serviços nos primeiros meses de pandemia, condicionaram o decretar de divórcios, provocando o adiamento dessas decisões, conforme expressam os valores elevados no 2.º semestre de 2020 por comparação com o histórico.

**Figura 10.** Divórcios, por mês, 1995-2021, e índice mensal de nupcialidade, 2020.

	Média 1995-1999	Média 2000-2009	Média 2010-2019	2020
<b>Total</b>	<b>331</b>	<b>609</b>	<b>609</b>	<b>511</b>
Janeiro	29	51	58	43
Fevereiro	29	54	55	36
Março	32	70	61	25
Abril	29	50	46	1
Maio	36	68	63	25
Junho	23	64	54	50
Julho	31	42	43	62
Agosto	4	13	16	20
Setembro	22	29	48	50
Outubro	39	66	62	63
Novembro	39	62	65	85
Dezembro	19	42	39	51



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

A partir da Figura 11, é possível verificar que o número médio de divórcios por mês foi mais baixo entre 1995 e 1999 do que nas décadas 2000-2009 ou 2010-2019. Porém, quando se comparam as décadas 2000-2009 e 2010-2019, em metade dos meses o número médio de divórcios foi inferior no período mais recente.

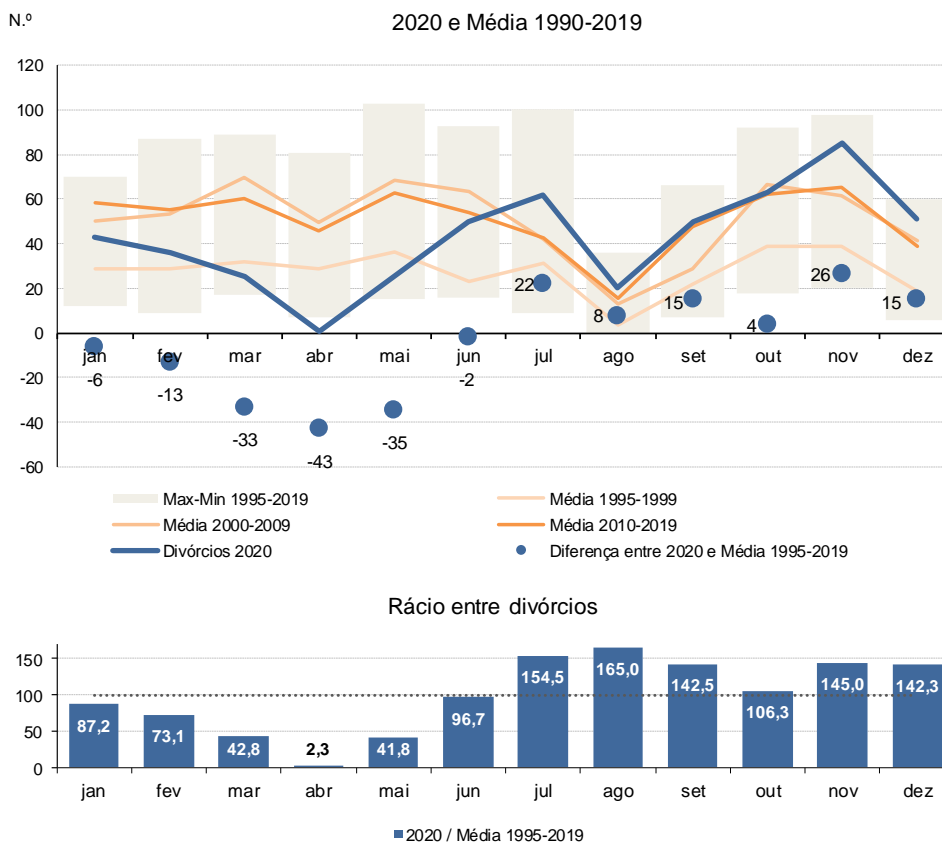
Na mesma figura, as barras a sombreado, limitadas pelos valores mínimo e máximo de divórcios mensais decretados no período 1995-2019, indicam a variação do número de divórcios mensais no período considerado.

Em abril de 2020 o número de divórcios ficou abaixo do limite inferior do período 1995-2019. Até junho de 2020 verificou-se um decréscimo do número de divórcios relativamente à média 1995-2019, sendo esse decréscimo mais acentuado em abril (-43 divórcios). Na restante metade do ano, o número de divórcios foi superior à média do referido período, sendo no mês de novembro que se decretaram mais divórcios (+26 divórcios) face à média 1995-2019.



Esta relação de decréscimo do número de divórcios até metade de 2020 e aumento a partir de julho de 2020, face à média 1995-2019, é comprovada pelo rácio entre divórcios de 2020 e média de 1995-2019 (rácio entre divórcios, Figura 11). Abril foi o mês que registou o maior decréscimo da divorcialidade (-97,7%) face à média 1995-2019 e agosto aquele com um acréscimo da divorcialidade mais elevado (+65,0%).

**Figura 11.** Divórcios, por mês, 1995-2021, e rácio entre divórcios de 2020 e média 1995-2019.



Fonte: INE/DREM - Estatísticas Demográficas

